

ESTUDOS  
DE  
ARTE E ARQUEOLOGIA

# ASPECTOS DA ACTIVIDADE ARQUITECTÓNICA NO PORTO NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XVII \*

Por Joaquim J. B. Ferreira Alves

assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

«Porte ou Porto est une ville assès grande belle et recreative et la plus agreable de tout le portugal, les rues sont fort larges fort propres et les maisons très bien baties»<sup>1</sup>.

Ao longo da segunda metade do século XVII, a cidade do Porto vai conhecer uma actividade considerável no campo da arquitectura: constroem-se novos edifícios; alteram-se outros considerados insuficientes para as necessidades de então, como sucedeu com a igreja de S. Nicolau, que o bispo do Porto D. Nicolau Monteiro (1671-1672), mandou demolir por ser «acanhada», mandando construir uma nova, para a qual foi a primeira pedra benzida em 6 de Dezembro de 1671<sup>2</sup>; continuam-se obras que estavam por terminar na maior parte dos conventos, acentuando-se também neste período a importância das construções que, extravasando as muralhas, foram formando novos bairros ao longo das principais saídas das cidade.

---

\* Trabalho inserido no plano de investigação: *A arquitectura monumental, civil e religiosa, da cidade do Porto e o seu relacionamento com as sucessivas funções e valorizações de diferenciados espaços urbanos, desde o século XII ao século XX*.

1 Da «Relation» do padre Francisco de Tours. Cf. SERRÃO, Joaquim Veríssimo — *Un itineraire portugais à la fin du XVIIe siècle*, in «Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal» (nova série) t. 21, Lisboa, 1959, p. 69.

2 FERREIRA, J. Augusto — *Memórias Archeologico-Históricas da Cidade do Porto*, vol. II, Braga, 1924, p. 264. A nova igreja de S. Nicolau foi aberta ao público em 6 de Setembro de 1676 «e consagrada com toda a solenidade pelo Bispo D. Fernando Correia de Lacerda» (GUERRA, Rui Moreira de Sá e — *Algumas achegas para a história da primitiva igreja de S. Nicolau*, in «O Tripeiro», VIª série, ano I, Porto, 1961, pp. 360-361). Segundo A. de Magalhães Basto, teria sido o padre Baltasar Guedes encarregado da administração das obras. Cf. *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, Porto, Documentos e Memórias para a História do Porto, vol. XXXIII, 1964, p. 379.

Nesta época o comércio do Porto desenvolve-se: intensificam-se as ligações com o Brasil; incrementam-se as relações comerciais com as nações do Norte da Europa<sup>3</sup>, mantendo-se ao mesmo tempo um comércio activo com a Galiza<sup>4</sup>, tornando-se também o Porto «no grande centro distribuidor de toda a terra do Noroeste Português»<sup>5</sup>. Este comércio traria um grande número de estrangeiros para a cidade, uns «de passagem», outros que se fixavam, entre os quais se destacavam os ingleses— resultado do tratado de 1654. Estes estrangeiros (na sua maioria mercadores, como eram designados pelos tabeliães seiscentistas, e como homens de negócio, pelos setecentistas) aparecem com frequência referidos nos Livros de Notas, principalmente em procurações, da segunda metade do século XVII. Um levantamento exaustivo permitiria o conhecimento daqueles que nessa altura se fixaram no Porto, ou de «passagem» vinham comerciar<sup>6</sup>.

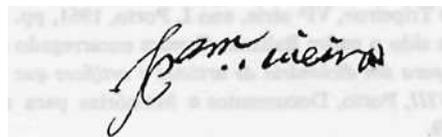
Cômputo de D. Rodrigo da Cunha	
Freguesias	Almas
Sé .....	6 055
Vitória .....	2 400
Santo Ildefonso .....	3 578
Miragaia .....	1 150
Miragaia ... ..	1398
Total .....	14 581

<sup>3</sup> CRUZ, António—*Uma cidade em evolução (O Porto nos primórdios de setecentos)*, Porto, (Sep. da «Revista da Faculdade de Letras» da Universidade do Porto, Série História, vol. IV), 1974, pp. 30-33.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Aurélio de e GARCIA LOMBARDEIRO, Jaime — *Alguns dados em torno das relações económicas entre o Porto — sua região e a Galiza na Época Moderna — Sécs. XVII, XVIII*, in «Revista de História», vol. II, Porto, Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna», vol. I, 1979, pp. 119-147.

<sup>5</sup> Idem, idem, p. J25.

<sup>6</sup> Um Francisco Mavigniet, mercador francês, morador na rua das Flores, contratou, em 25 de Outubro de 1693, os mestres pedreiros *Manuel Vieira* e *Manuel Mendes*, moradores na freguesia de Santo Ildefonso, para fazerem «huma morada de casas em a rua do Loureiro». Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Po-4, n.º 91, fls. 25-26. Testemunhas do doc.: Manuel de Sousa «trosedor de seda», morador na rua das Taipas e *Pantaleão Vieira*, pedreiro, morador em Santo Ildefonso.



Também neste período, a sua população se veria aumentada: em 1625, segundo o cômputo de D. Rodrigo da Cunha, (*ver p. anterior*), as cinco freguesias que interessam para o presente estudo (Sé, Vitória, S. Nicolau, Santo Ildefonso e Miragaia) tinham uma população de 14 581 almas <sup>7</sup>, e ainda que o cronista da viagem de Cosme de Médicis, o futuro Cosme III, grão-duque da Toscana de 1670 a 1723 <sup>8</sup>, fez a Portugal em 1669, aponte para a cidade «4 000 moradias e pouco mais de 10 000 pessoas»<sup>9</sup>, a população do Porto, nos finais do século XVII e princípios do seguinte, segundo o padre António Carvalho da Costa, seria de 15 880 almas <sup>10</sup>.

Cômputo do P.* António Carvalho da Costa (" í	
Freguesias	Almas
Sé .....	6 348
Vitória .....	2 743
S. Nicolau .....	3 354
Santo Ildefonso .....	2 134
Miragaia .....	1 301
Total .....	15 880

A crescente importância económica da cidade e o aumento da sua população, na qual encontramos, como vimos, uma forte presença de estrangeiros, explicam a actividade arquitectónica, dentro e fora das muralhas, que iremos tratar em alguns dos seus aspectos.

#### *Aspectos da actividade arquitectónica*

A arquitectura seiscentista do Porto deu à cidade alguns dos seus edifícios mais representativos como: a primitiva Cadeia e de Casa da Relação; a igreja de Nossa Senhora do Carmo (1619-1622); o Colégio dos Órfãos; o Recolhimento do Anjo e a Casa e a Igreja da Congregação do Oratório, sendo uns, mais tarde substituídos por uma nova

<sup>7</sup> SANTOS, Cândido doa — *A população do Porto de 1700 a 1820. Contribuição para o estudo da demografia urbana*, in «Revista de História», Porto, vol. I, 1978, p. 287.

<sup>8</sup> YOUNG, G. F.—*Les Médicis*, T. 2, Paris, 1969, pp. 312-313 e pp. 315-332.

<sup>9</sup> FERREIRA, João Pinto — *Arrancada para o progresso e auge da opulência da urbe 1640-1800*, in «História da Cidade do Porto», vol. II, Barcelos, 1964, p. 525.

<sup>10</sup> A primeira edição do Tomo I da *Corografia Portuguesa* é de 1706.

<sup>11</sup> Cf. COSTA, António Carvalho da — *Corografia Portuguesa*, T. I, Braga, 1868, p. 310, (2.ª edição).

construção, como aconteceu com a Cadeia e Casa da Relação, ou simplesmente desapareceram devido, não à voragem do tempo, mas à incapacidade dos homens para saberem preservar o seu passado.

O Porto na segunda metade do século XVII estava ainda na sua quase totalidade encerrado nas suas muralhas, que o geógrafo Pedro Teixeira Albernás designa de «*fuertes y hermosos muros*»<sup>12</sup>, com a sua malha urbana medieval, donde sobressaíam as duas ruas de traçado «moderno» — a rua Nova, do início do século XV, e a rua de Santa Catarina das Flores, do século XVI. Fora de muros, ainda nos finais de seiscentos «on se trouvait, à la sortie des portes de la ville, en pleine ambiance rurale»<sup>13</sup>, mas onde podemos encontrar, fora das principais saídas da cidade — Porta de Cimo de Vila, Porta de Carros, Postigo de Santo Eloi, Porta do Olival e Porta Nobre ou Nova — núcleos de habitações que «s'étaient développées entre lesquelles s'étendaient des domaines agraires entourant des maisons nobles et des couvents»<sup>14</sup>. Estes núcleos, que se vão desenvolvendo extramuros, pela necessidade de expansão de uma cidade em crescimento e que se encontrava espartilhada dentro das suas muralhas, ainda que só no século XVIII sejam objecto de uma política de regularização, receberam nos finais do século XVII alguns melhoramentos dos quais apontamos dois exemplos:

#### 1 — *Fonte da Arca*

Entre a Porta de Carros e o Postigo de Santo Eloi encontrava-se a Fonte da Arca, uma das mais frequentadas da cidade, não só pela sua água «delgadíssima, clara, fecunda y leve y muy gustosa»<sup>15</sup>, mas também por ser local de grande «concurssso de fidalgos y Cavalleros que, por el Verano, acurrian alli cerca, a tomar el fresco en el Verano por las tardes [...] por la comodiad de los Assientos que alli ay de recibirle debaxo de aquellos Copiosos Chopos, alli Plantados, vã por màs de ciento y treinta anos»<sup>16</sup>. Adornada, em 1608, com um «frontispício

<sup>12</sup> CASTELO-BRANCO, Fernando — *Descrição seiscentista do Porto*, in «O Tripeiro», Vª série, ano XIV, Porto, 1958, p. 185.

<sup>13</sup> MANDROUX-FRANÇA, Marie-Therese — *Quatre phases de l'urbanisation de Porto au XVIII<sup>e</sup> siècle*, in «Colóquio», 2.ª série, n.º 8, Lisboa, 1972, p. 35.

<sup>14</sup> Idem, idem.

<sup>15</sup> NOVAIS, Manuel Pereira de — *Anacrisis Historial*, 1.ª parte, vol. II, Porto, 1913, p.

43.

<sup>16</sup> Idem, idem.

Burlesco»<sup>17</sup>, pelas razões atrás apontadas, resolveu o Senado da Câmara dar um aspecto mais digno e monumental ao local que nessa altura servia de «passeio público» à cidade.

Contratado o padre *Pantaleão da Rocha de Magalhães*<sup>18</sup> para fazer os rascunhos e plantas da Fonte da Arca<sup>19</sup>, que executou com «grande curiosidade e arte de sorte que pela sua traça se construiu, e erigiu a dita fonte, e architectura delia»<sup>20</sup>, a obra foi arrematada pelos mestres pedreiros de architectura *Manuel do Couto*<sup>21</sup> e *Gregário Fernandes*<sup>22</sup>. A arrematação foi feita em quatro fases: a primeira em Julho de 1677, por 600 000 réis, na qual os pedreiros teriam que executar a obra segundo a traça e apontamentos; a segunda está relacionada com os acrescentamentos que se mandaram fazer em Março de 1679; a terceira e a quarta, também no mesmo ano, para se desfazer a torre «que allí pendia sobre la fuente»<sup>23</sup> e fazer as «arcas velhas» destinadas a receber as águas para a fonte<sup>24</sup>. A obra devia estar concluída em Maio de 1680, altura em que o Senado mandou fazer a vistoria: esta realizou-se, em 26 do dito mês, perante o juiz de fora da cidade, o Dr. José Nogueira Galvão, os vereadores em exercício, Francisco da Rocha Leão, Francisco Ferreira de Andrade e João de Sequeira de Almeida, e contando também com a presença do procurador da cidade, o licenciado Gonçalo Ribeiro de Sousa e Cunha, sendo chamados os mestres pedreiros de architectura *João da Rocha*, *Pantaleão Vieira* e *Manuel Rodrigues*<sup>25</sup>, estando também presente o padre *Pantaleão da Rocha de*

<sup>17</sup> Idem, idem, p. 42. Manuel Pereira de Novais atribui esta obra a um architecto de nome *Manuel Garcez*, que segundo o autor da *Anacrisis Historial* seria também o architecto do convento de Santo Eloi e da primeira Cadeia e Casa da Relação. A. de Magalhães Basto (*ob. e/l.*, p. 375) diz que em 1608, foi arrematada uma obra na Fonte da Arca, pelo mestre pedreiro *Manuel Gonçalves*. Será a mesma obra? Será o mesmo artista? Supomos que sim, mas só futuras investigações o poderão confirmar.

<sup>18</sup> Sobre o padre Pantaleão da Rocha de Magalhães consultar: FERREIRA ALVES, Joaquim J. B.— *Algumas obras seiscentistas no convento de Corpus Christi*, Vila Nova de Gaia, (Sep. da revista «Gaya» vol. II), 1984, pp. 250-251.

<sup>19</sup> «Diz o padre Pantaleão da Rocha de Magalhães que por ordem deste Senado foi rogado fazer os rascunhos e plantas da Fonte da Arca». Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), Livro do Cofre n.º 6, fl. 330.

<sup>20</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre n.º 6, fl. 331.

<sup>21</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre n.º 6, fl. 174 e fl. 197. *Manuel do Couto* é designado como «mestre architecto de pedraria».

<sup>22</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre n.º 6, fl. 175.

<sup>23</sup> NOVAIS, Manuel Pereira de—*ob. ri/.*, p. 44.

<sup>24</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre n.º 6, fls. 176-177.

<sup>25</sup> *João da Rocha* e *Pantaleão Vieira* viviam no Porto; *Manuel Rodrigues* vivia em Vila Nova.

*Magalhães* «que fizera a traça das ditas obras», que declararam, que os mestres pedreiros que tinham arrematado a obra da Fonte da Arca — *Manuel do Couto* e *Gregário Fernandes* — tinham feito toda a obra «na forma dos ditos termos e suas condições traça e apontamentos»<sup>26</sup>. Atribuída a traça da Fonte da Arca erradamente ao padre *Baltasar Guedes*<sup>27</sup>, aquela deve-se, como apontámos, ao padre *Pantaleão da Rocha de Magalhães*, como provam os documentos já referidos, e como podemos ver também na justificação que o autor do risco apresentou à Câmara do Porto. Considerando a quantia de 30 000 réis que lhe tinha sido outorgada muito «limitada ao trabalho que o supplicante teve» apresentou ao Senado uma justificação, em 16 de Abril de 1682, dando como testemunhas: *Manuel do Couto*, mestre de pedraria, morador na rua da Porta de Carros e que tinha sido o mestre que arrematara a obra; *Manuel do Couto Rego*, mestre de pedraria, morador junto ao Bonjardim; Bernardo Ferraz de Melo, vereador em 1677, morador na rua das Flores; o licenciado Pantaleão de Sousa Delgado, procurador da cidade em 1681, morador junto à Sé; Luís Camelo Falcão, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, e morador «na sua quinta do Paraíso», freguesia de Santo Ildefonso; Matias Esteves da Silva, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, morador na «Cordoaria dalameda»; *João Tomé*, pedreiro, morador na freguesia de Moreira; *Manuel do Couto*, pedreiro, morador em Moreira, aldeia do Carvalhido. Aceitando a justificação e ouvidas as testemunhas, resolveu o Senado, pela traça<sup>28</sup> e assistência (três anos e meio) da Fonte da Arca e por outros serviços que o padre *Pantaleão da Rocha de Magalhães* fez à cidade, dar-lhe 50 000 réis<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre n.º 6, fls. 178-178v. Na «Memória das fontes que tem a cidade» atribuída ao padre Baltasar Guedes, sobre a Fonte da Arca diz-se: «Tem seu. nacimiento três brasas pello campo dentro da terra trás algemas arcas nasse em lodo sua calidade e frescura toda a cidade o sabe tem junto a sy outras fontezinhas que averiguão he muito melhor agoa mas porque são avarentas não são nomeadas os olmos juntos não lhe fazem boa vezinhança porque de tempos a tempos crião rapozos os cannos com que tem a agoa seu detrimento». A.H.M.P., Livro de Próprias, n.º 18, fl. 250 v. e Registo Geral, n.º 16, fls. 260v.-261.

<sup>27</sup> Consultar sobre este assunto: BASTO, A. de Magalhães — *ob. cit.*, pp. 378-379; idem — Introdução à *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de Nossa Senhora da Graça*, Porto, 1951, p. 86.

<sup>28</sup> *Pantaleão da Rocha de Magalhães* fez também B traça para os acrescentamentos que se fizeram para a Fonte da Arca, não aceitando a Câmara, o risco que para esses acrescentamentos fez *Domíngos Lopes*.

<sup>29</sup> A.H.M.P., Livro do Cofre, n.º 6, fls. 332-341.

2 — *Obra da calçada e paredão da Parla Nova a Monchique*

Era o bairro de Miragaia, um dos mais importantes núcleos que fora de muralhas se foi formando ao longo do rio, caracterizado «pelos arcos — os celebrados cobertos — que abriam para o areal e eram sobrepujados pelos sobrados das moradias, todas elas de varandas de ferro forjado ou de madeira»<sup>30</sup>, e que nos finais do século XVII, iria receber melhoramentos com a construção de um cais e calçada «de quazi a Porta Nova athe Monchique pellos quintais das cazas dos cubertos que fiquão nas testadas das dittas cazas», que por alvará foi mandado fazer<sup>30</sup>.

Posta a obra a pregão, depois de ter sido apregoada durante seis meses sem aparecerem mestres pedreiros que a arrematassem, em 4 de Novembro de 1696, pelo porteiro da Câmara, Pantaleão Coelho, na praça de S. Domingos, foi arrematada pelo capitão Bartolomeu Dias Pontes, morador na sua quinta de «Valdemores»<sup>32</sup>, pelo preço de sete mil cruzados, por não aparecer ninguém que a arrematasse e por ser «zelloso da conveniencia da utilidade de tão grande obra»<sup>33</sup>. Feito o contrato três dias após a arrematação — 7 de Novembro — o capitão Bartolomeu Dias Pontes comprometia-se a fazer a obra segundo os apontamentos que lhe foram entregues:

«[...] Primeiramente tira esta calçada de largo trinta palmos dos pillares pera fora, a face do andar de sima será feita as fiadas com pedras de altura de palmo e meio de grosso com junta feita por sima e esquadria de desgasto; tera de ali - çêçe athe a face da terra, oito palmos, tera três lingoettas de largura de vinte palmos com os lançamentos que a obra pedir tudo das ditas pedras grossas como fica ditto asima que não sejam lages = pera se fazer esta obra em boa forma se tomara o nivel da porta de Vicente Camello e nesa forma continuará athe onde acabar a tal obra com descaimento pera a banda do rio para expedição das agoas que não fiquem emposadas na serventia do andar, este cais pella parte de dentro que se chama paredão será feito todo de fiadas de boto (sic) pera dentro em grosso de sete palmos amolisado de cal e saibro pera as agoas não escarnarem a serventia de sima levaram nas partes donde vem as agoas que são três arco; de abobada de largura de sinquo palmos para dar expedição as agoas que vem dos montes e da fonte das Virtudes e de outras onde se vem ajuntar os intulhos desta obra por haver mister quantidade posto que nos quintais por onde se ha

<sup>30</sup> CRUZ, António — *ob. e/f.*, fl. 7.

<sup>31</sup> A.D.P., Po-8, n.º 108, fls. 190v.-193v.

<sup>32</sup> Cita na freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia.

<sup>33</sup> A.D.P., Po-8, n.º 108, fl. 191.

de fazer a obra ha (?) parte delles a que saltar ou será por conta dos senhores do Senado (?) ou na arematação se aviriguara a declaração por cuja conta ha de ser [...]»<sup>34</sup>

Estes melhoramentos, que mostram a preocupação e a necessidade de dotar os bairros que se iam formando fora das muralhas, com novas estruturas, as obras diversas que dentro e fora dos muros se fizeram, as novas construções que surgem na mesma altura, marcam a actividade arquitectónica no Porto, na segunda metade do século XVII e sobre a qual nos vamos debruçar em algumas das suas manifestações.

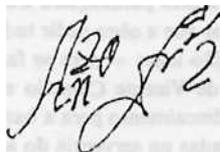
## I — Convento de S. João Evangelista, Mosteiro de S. Bento da Vitória e Mosteiro da Madre de Deus de Monchique: algumas obras <sup>(35)</sup>

### 1 — *Convento de S. João Evangelista (1681-1696)*

Entre 1681 e 1696 algumas obras importantes foram feitas no convento dos Lóios<sup>38</sup>:

<sup>34</sup> Idem, fls. 191-191v.

Testemunhas do doc.: *António Fernandes*, dourador, e morador na rua da Banharia e *Manuel de Sousa de Figueiredo e Castro* (assina só Manuel de Sousa de Castro) morador a S. Sebastião.



<sup>35</sup> Às obras que neste período se faziam, na maior parte dos conventos, o que não agradava à cidade, referem-se os «capítulos especiais» que o Porto apresentou nas Cortes de 1697 e 1698:

«10 O mesmo damno se segue das Fundações dos Convénios ja fundados, sendo raros aquelles, em que se não veção magnificas obras, e acrescentamentos, aos quaes precisamente se segue capacidade para receberem mais Religiozos, que pedem mais bens para sua sustentação:a que deve acudir Sua Magestade, mandando que nos Conventos dos Religiozos se não facão obras sem expressa licença sua,e prohibi-las quando ao dito fim se dirijam».

Cf. CRUZ, António—*ob. cit.*, p. 38.

<sup>36</sup> O convento de S. João Evangelista (convento dos Lóios) foi fundado nos finais do século XV.

(?) Palavras ilegíveis.

- em 11 de Junho de 1681<sup>37</sup>, sendo reitor o reverendo padre mestre Luís da Madre de Deus, foi contratado o mestre pedreiro *Marcos Gonçalves*, morador na freguesia de Santo Ildefonso, para levantar «a maior altura hum lanso do dromitorio do dito seu convento que he o que corre da portaria para a igreja», sendo contratado para a respectiva obra de carpintaria, em 12 de Junho do mesmo ano, *Simão António*, morador na freguesia de S. Lourenço «dasmes» do concelho da Maia<sup>38</sup>;
- quatro anos após os contratos para a obra do acrescentamento do dormitório, os Lóios contrataram o mestre pedreiro *Pascoal Fernandes*, cuja actividade no Porto e Braga é de suma importância<sup>39</sup>, para acrescentar a capela-mor; em 7 de Fevereiro de 1685<sup>40</sup> o mestre de pedraria obrigou-se a executar a obra segundo os apontamentos,<sup>41</sup> tendo que ficar concluída «ath e o sabado de Lázaro da Caresma proxima»;

<sup>37</sup> A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 179, fls. 179v.-180v.

Testemunhas do doc.: Álvaro Carvalho e João da Rocha familiares do convento.

<sup>38</sup> A.D.P., Po-I, 4.ª série, n.º 179, fls. 180V.-182.

Testemunhas do doc.: Álvaro Carvalho e João da Rocha familiares do convento.

Fiador do contrato: Francisco Rodrigues da Silva, morador na rua da Cordoaria Nova.

<sup>39</sup> Sobre a importância da actividade do mestre pedreiro Pascoal Fernandes ver: SMITH, Robert C. — *A Casa da Câmara de Braga (1753-1756)*, Braga, (Sep. da «Revista Bracara Augusta», vol. XXII), 1968, pp. 33-34.

<sup>40</sup> A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 183, fls. 189-190.

Testemunhas do doc.: Manuel de Carvalho, filho do tabelião que fez o contrato, António de Carvalho, João da Rocha, familiar do Convento e João Pinto da Fonseca.

Fiador do contrato: André Marfins, morador na freguesia de Nossa Senhora de Campanhã.

<sup>41</sup> «[...] primeiramente teria a parede do principio do aliserce para sima athe sahir da terra vinte palmos de alto e de grosura seis, e da terra pera sima athe vinte palmos teria de grosso sinco palmos e dahi pera sima athe altura de outros vinte palmos teria coatro de grosura, e dahi athe o nivel da cornige de três palmos, e dahi athe a empena seria de dous palmos e meio, seria toda esta parede de muito bons juntouros de coatro em coatro palmos, as pedras de correr serão grosas e compridas = os cunhais serão dous 'oscas do feitio do dormitório com agulhas e travesas, terão as agulhas de huma e outra parte sete palmos de comprido e as paredes das ilhargas serão enxeridas em grosso dos cunhais que hora tem a capella mór abrindo em os cunhais de coatro em coatro palmos cunha que entre dous palmos agulha que se meter pelo cunhal velho tendo cada agulha de comprido sete palmos pera que varie de gume= em baixo no andar da terra se fará huma porta de sinco palmos de largo e desde alto escodada - neste mesmo andar na altura conveniente se farão três frestas, huma para o sul duas para o Sol, terão de lus tres palmos de alto e sinco de largo, serão de picão meudo = a parte do Sol tera mais duas frestas no primeiro sobrado de alto sinco palmos de lus, e tres de largo e serão escodadas - em sima pera lus da trabuna haverá huma fresta de seis palmos de lus

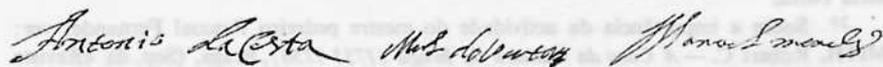
- seria para edificar um novo dormitório, que em 12 de Janeiro 1696 <sup>42</sup> são contratados os mestres pedreiros *António da Cosia* e *Manuel do Couto*; este novo dormitório seria construído «por cima do que core de poente a nascente que fica defronte da rua dos Canos e tereiro da Feira», cuja obra de carpintaria seria arrematada, em 19 de Janeiro de 1696 <sup>43</sup>, pelo mestre carpinteiro *Manuel Alves*, morador na rua de Monchique. fazendo socie-

e doze de alto sera de caixilho para a vidraça e sera tambem escodada = a corniza deste acrescentamento de hua e outra parte virá corvando na forma que corre a da capela [... ] será mais obrigado elle mestre a goarnese la por fora e por dentro asim o que de novo fizer como tambem toda a capela maior pela banda de fora [...] mais será obrigado elle dito mestre a desfazer a sua custa a parede das costas da capella que se ha de derribar [...] terá esta casa que de novo se há de fazer trinta palmos de nascente a poente e do norte a sul o mesmo largor (sic) que tem a capela maior [...].

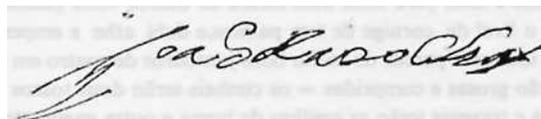
<sup>42</sup> A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 201 (3), fls. 125-130.

Testemunhas do doce.: *João da Maia*, mestre pedreiro, morador em Vila Nova e Pascoal Valente, familiar do convento.

Fiadores do contrato: *António Moreira*, oficial de ferreiro e *Manuel Mendes*, pedreiro.



«E sendo no dito dia mes e ano em o escritório de mim tabaliam perante **mim** parecerão presentes Maria dasensão (sic) mulher de Manuel do Couto, e asim mais Antonia da Costa mulher de António Moreira e Maria do Rozario mulher de Manuel Mendes as quais li e declarei esta escritura de obrigação e fiança e que seus maridos avião feito [... ] sendo testemunhas presentes João da Rocha escultor morador neste termo e António Pinto de Faria morador na Feraria de Sima Manoel Rodrigues de Abreu morador em Sima de Vila [...].»



<sup>43</sup> A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 201 (3), fls. 141v.-142v.

Testemunhas do doc.: António Dias e Pascoal Valente serventes do convento.

Fiadores do contrato: *Miguel Martins* morador ao Postigo das Virtudes e Jorge Monteiro da Rocha, mercador de vinhos, morador em Miragaia.

«a obra de carpintaria dos dois dromitorios novos que fazem a saber o grande por cima do que corre do nascente a poente e outro mais pequeno que core para a capella mor [...].»

dade, para a execução desta obra, em 25 do mesmo mês, com o mestre carpinteiro *Miguel Martins* <sup>44</sup>.

## 2 — Mosteiro de S. Bento da Vitória (1699)

O mosteiro de S. Bento da Vitória <sup>45</sup> fundado em 1598, era, pela sua igreja e mais dependências, um dos mais importantes da cidade. Sobre este edifício possuímos três documentos, todos de 1699, o primeiro referente a uma obra no dormitório e os outros dois sobre obras efectuadas na igreja.

Em 19 de Maio de 1699 «, foram contratados os mestres pedreiros *João Moreira, Manuel Luis e António da Costa*, para fazerem a obra do dormitório que ficava para Sul. No mesmo dia os beneditinos fizeram outro contrato, desta vez com o mestre de pedraria *Domingos Pires de Matos*, morador na freguesia de Santa Marinha de Vilar do Pinheiro, para este acabar a abóbada «da igreja nova athe o fim da dita igreja» <sup>47</sup>. Todos estes mestres, seriam contratados em 18 de Dezembro do mesmo ano, para fazerem a capela-mor e cruzeiro da igreja do mosteiro de S. Bento da Vitória <sup>48</sup>, onde se mantiveram a trabalhar, já que, em 1705 são contratados para fazerem a sacristia <sup>49</sup>.

<sup>44</sup> A.D.P., Po-1,4.<sup>a</sup> série, n.º 201 (3), fls 159v.-160.

Testemunhas do doc.: *João da Rocha*, escultor, morador neste termo e *Manuel Rodrigues de Abreu*, morador em Cimo de Vila.

Este *Miguel Martins*, carpinteiro, é o mesmo que serve de fiador no contrato anterior, e aparece sempre como Miguel Rodrigues.

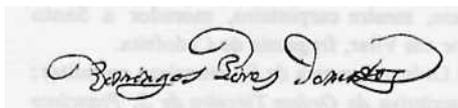
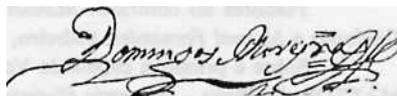
<sup>45</sup> Sobre o mosteiro de S. Bento da Vitória consultar: SMITH, Robert C- S. *Bento da Vitória, do Porto à luz dos «Estados» de Tibães*, Porto, s/d, 80 pp.

<sup>46</sup> A.D.P., Po-4, n.º 101, As. llv.-112v.

Testemunhas do doc: *Domingos Moreira*, *Lourenço Nunes da Fonseca* e *Domingos Cardoso dos Santos*.

<sup>47</sup> A.D.P., Po-4, n.º 101, fls. 112v.-113v.

Testemunhas do doc.: *Lourenço Nunes da Fonseca* e *Domingos Cardoso dos Santos*.  
Fiador do contrato: *Domingos Moreira*, mestre pedreiro, morador na freguesia do Salvador de Moreira, concelho da Maia.

<sup>48</sup> A.P..D. Po-4, n.º 102, fls. 241-243.

Testemunhas do doc.: *António do Couto* da freguesia de Moreira e *João Ferreira*.

<sup>49</sup> BASTO, A. de Magalhães — *Apontamentos...*, p. 418.

3 — *Mosteiro da Madre de Deus de Monchique (1699)*

Na primeira metade do século XVI dois conventos de religiosas são fundados no Porto: o primeiro dentro de muralhas — o mosteiro de S. Bento da Avé Maria; o segundo extramuros — o mosteiro da Madre de Deus de Monchique. Este, cuja fundação se deve à iniciativa de particulares, os fidalgos Pedro da Cunha Coutinho e sua mulher D. Brites de Vilhena, seria fundado (1535-1538) nos paços que em Mira-gaia possuíam os referidos fidalgos.

Este mosteiro, a cujas obras feitas no século XVI, está ligado o arquitecto e mestre de pedraria Diogo de Castilho<sup>50</sup>, sofreu ao longo dos tempos obras de acrescentamento e transformação, sendo uma das mais importantes, a que se iria fazer na igreja nos finais do século XVII. Em 24 de Setembro de 1699, sendo abadessa soror Maria da da Encarnação, foi contratado o mestre pedreiro *Manuel Vieira*<sup>51</sup> para fazer uma nova capela-mor, segundo a traça que fez o «arquitecto» *João Pereira dos Santos*<sup>52</sup>.

## II — Capela da Ordem Terceira de S. Francisco. Capela da Ordem Terceira de S. Domingos.

1 — *Capela da Ordem Terceira de S. Francisco (1676-1685)*

Fundada a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco em 1633, funcionou, até 1676, em capelas que os Terceiros edificaram nos claustros do convento de S. Francisco<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> Idem, idem, pp. 122-127.

<sup>51</sup> Filho do mestre de pedraria *Pantaleão Vieira*.

<sup>52</sup> A.D.P., Po-4, n.º 102, fls. 99-102,

Testemunhas do doc.: *João Pereira dos Santos*, morador na rua dos Mercadores; Francisco Pereira, alfaiate, morador na rua das Taipas; Manuel da Silva Coimbra, morador na freguesia de Santo Ildefonso e Fr. Francisco da Purificação.

Fiadores do contrato: *Manuel de Sousa*, mestre carpinteiro, morador a Santo Ildefonso e *Manuel Fernandes*, pedreiro, morador em Vilar, freguesia de Cedofeita.

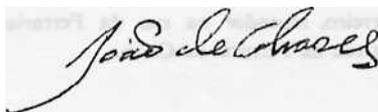
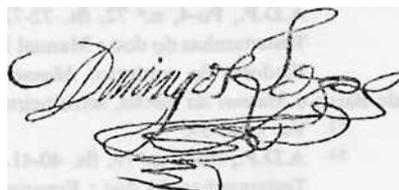
<sup>53</sup> Sobre a primitiva capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco consultar: MATTOS, R. Pinto - *Memória Histórica e Descritiva da Ordem Terceira de S. Francisco no Porto*, Porto, 1880, p. 11; SMITH, Robert C. — *A Capela Primitiva da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco no Porto*, in «OTripeiro», VI série, ano V, Porto, 1965, pp. 36-40; idem — *A sacristia da capela primitiva da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e as suas pratas*, in «O Tripeiro». VI série, ano V, Porto, 196S, pp. 83-87.

Em 27 de Abril de 1676<sup>54</sup>, na rua de S. Francisco, na casa do capitão Rafael de Matos Godinho, onde estava presente o mestre pedreiro *Marcos Gonçalves*, o mesmo que vimos a trabalhar no convento dos Lóios, sabendo que andava a pregão a obra da capela nova para os Terceiros de S. Francisco, arrematou-a. A 8 de Fevereiro de 1680<sup>55</sup>, fizeram os Terceiros novo contrato com *Marcos Gonçalves*, devido às alterações feitas na sua nova capela.

Tendo os Irmãos «contratado com elle mestre *Marcos Gonçalves* para lhes haver de fazer a obra da sua capella nova pela traça que então se fes se acrescentarem de novo algumas cousas à dita obra, e se diminuïrem outras que elle mestre estava obrigado a fazer, e lhes ser necessário saber o que a elle se lhe havia de dar pelo que de novo acreosce e diminuir lhe o que elle mestre fes de menos» contrataram louvados — *Gregário Fernandes*, morador em Vila Nova de Gaia, pelos Terceiros, e *Manuel do Couto*, por *Marcos Gonçalves* — que determinaram que, pelo o que de novo se acrescentou, deviam os Irmãos 583 500 réis, e deles deviam abater 152 000 réis, em que avaliaram o que foi feito a menos na obra. O mestre pedreiro receberia mais 60 000 réis por «hum remate sobre o arco da capella-mor [...] na forma da traça

<sup>54</sup> A.D.P., Po-4, n.º 68, fls. 32v.-33v.

Testemunhas do doc.: *Domingos Lopes*, «mestre de architectura», morador na Ponte Nova e *João de Chaves*, carpinteiro, morador na freguesia de Gulpilhares.

Fiador do contrato: António Carneiro.

Este documento é referido por: BASTO, A. de Magalhães — *Apontamentos...*, p. 376.

<sup>55</sup> A.D.P., Po-4, n.º 72, fls. 61-62.

Testemunhas do doc.: Manuel Ferreira, andador da Ordem Terceira de S. Francisco, Francisco Fernandes de Abreu, morador na rua da Fonte Aurina e o padre Manuel da Rocha e Silva, morador na rua das Congostas.

Em 13 de Agosto de 1681, Marcos Gonçalves deu «quitação», nada lhe devendo os Irmãos. A.D.P., Po-4, n.º 74, fls. 55-55v. Este documento é referido por: BASTO, A. de Magalhães—*ob. cit.*, p. 376, nota 3.

nova». Alguns dias<sup>56</sup> após este novo contrato com *Marcos Gonçalves*, foram ajustados os mestres carpinteiros, *Francisco Amónio* e *António de Castro*, para fazerem «a obra de carpintaria do corpo da igreja da capella nova». *Pascoal Fernandes*<sup>57</sup>, mestre pedreiro, foi encarregado, em 5 de Novembro de 1685<sup>58</sup> de «fazer a obra do lageamento da dita sua capella e as escadas em que se remata o adro da igreja delia». Não tendo ficado satisfeita com esta obra, a Ordem Terceira de S. Francisco, mandou no ano seguinte, o mestre pedreiro *João Moreira* «desfazer e tornar a fazer» as escadas do pátio<sup>59</sup>.

Se conhecemos o nome de quem executou a primitiva capela da Ordem Terceira de S. Francisco — *Marcos Gonçalves* — o nome do autor da traça é até agora desconhecido, ainda que a presença de *Domingos Lopes*, «mestre de architectura», como uma das testemunhas do contrato (ver nota 54), nos leve a pensar que a traça da capela poderia ser-lhe atribuída. Robert C. Smith compara a fachada da capela primitiva dos Terceiros de S. Francisco, com a fachada da igreja de S. Nicolau antes das alterações sofridas após o incêndio de 1758:

«A fachada e flanco ocidental da igreja apareceram num panorama do Porto, provavelmente do fim do primeiro quartel do século XVIII ou começo do terceiro, gravado em Londres em 1736. O quadro mostra uma construção típica da época, provavelmente comparável com a vizinha igreja de S. Nicolau, de 1671-1672, na sua primitiva condição. Vemos que a frontaria tinha duas janelas rasgadas, em baixo do óculo do frontão, mas o panorama não mostra com suficiente nitidez a fachada da capela para podermos distinguir a imagem da Rainha Santa, cuja pera (sic) foi comprada em 1689, e que rematava a única porta de entrada»<sup>60</sup>.

<sup>56</sup> 20 de Fevereiro de 1680.

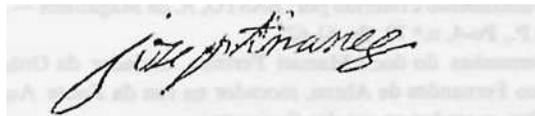
A.D.P., Po-4, n.º 72, fls. 72-72v. e fl. 11lv.

Testemunhas do doc.: Manuel Mendes da Silva, Manuel de Sousa e Miguel Ribeiro. Fiadores do contrato: *Manuel Teixeira*, ferreiro, morador na rua da Ferraria de Baixo e *Manuel da Rocha*, serralheiro, morador na rua da Ferraria de Cima.

<sup>57</sup> Ver nota 39.

<sup>58</sup> A.D.P., Po-4, n.º 79, fls. 40-41.

Testemunhas do doc.: Francisco Pereira dos Santos, Lourenço Pinheiro e *José Nunes*, escultor.



<sup>59</sup> SMITH, Robert C — *A Capela Primitivada Venerável Ordem Terceira de S. Francisco*, in «O Tripeiro», VI série, ano V, Porto, 1965, pp. 36-37.

<sup>60</sup> Idem, *idem*, p. 37.

Esta semelhança talvez indique o mesmo arquitecto para os dois edifícios, senão o mesmo mestre pedreiro, que poderia ter arrematado as duas obras: a da igreja de S. Nicolau de 1672-1676 e a da capela da Ordem Terceira de S. Francisco de 1676-1680/85.

## 2 — Capela da Ordem Terceira de S. Domingos (1683)

A Venerável Ordem Terceira de S. Domingos foi instituída no Porto, em 1676<sup>61</sup>. Doado o terreno necessário no adro do convento de S. Domingos, pelos frades, em 26 de Outubro de 1683, mandaram os Irmãos construir capela própria. Em 16 de Novembro do mesmo ano<sup>62</sup> contrataram os mestres de pedraria *Pantaleão Vieira* e *Pascoal Fernandes*, para fazerem a capela, segundo a traça do padre *Pantaleão da Rocha de Magalhães*.

## III — Colégio dos Órfãos e Igreja de Nossa Senhora da Graça

Fora das muralhas, encontravam-se algumas ermidas entre as quais a de Nossa Senhora da Graça e S. Sebastião, a de S. Miguel o Anjo, estas duas junto à Porta do Olival, e a de Santo António, em frente da Porta de Carros. Estas ermidas, dependentes do Senado da Câmara, seriam aproveitadas para capelas de três novas fundações, da segunda metade do século **XVII**: o Colégio dos Órfãos (ermida de Nossa Senhora da Graça e S. Sebastião); o Recolhimento do Anjo (ermida de S. Miguel o Anjo) e a Casa da Congregação do Oratório (ermida de Santo António).

### 1 — Fundação do Colégio dos Órfãos

Nasceu o padre Baltasar Guedes na freguesia de S. Nicolau, da cidade do Porto, em 6 de Fevereiro de 1620<sup>63</sup>, vindo a falecer, na mesma cidade, em 6 de Outubro de 1693<sup>64</sup>, tendo-se ordenado por volta de

<sup>61</sup> FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e — *A Capela dos Terceiros de S. Domingos*, in «O Tripeiro», VI série, ano II, Porto, 1962, pp. 321-322.

<sup>62</sup> A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 182, fls. 72v.-73v.

Testemunhas do doc.: *Manuel Vieira*, filho de *Pantaleão Vieira*, *António Moreira*, ferreiro e *Bernardo Pereira*, estudante. Este documento é referido por: FERREIRA ALVES, Joaquim J. B. — *ob. cit.*, p. 251.

<sup>63</sup> GUEDES, Baltasar — *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de Nossa Senhora da Graça*, (com uma Introdução do A. de Magalhães Basto), Porto 1951 P-21.

<sup>64</sup> *Idem, idem*, p. 173.

1644<sup>65</sup>. Em 8 de Janeiro de 1650 foi nomeado pelo Senado, capelão da ermida de Nossa Senhora da Graça «em nua vida pera o que lhe derão a caza da dita ermida e terra pera quintal pera prantar flores pera ornato da dita ermida»<sup>66</sup>, mas onde já viveria desde 29 de Outubro de 1649, como refere na sua «Breve rellação da fundação»<sup>67</sup>.

Em 1650, fez uma petição a D. João IV, para fundar na ermida um colégio para meninos órfãos e desamparados<sup>68</sup>. O rei aceitou a petição, mas antes de despachá-la ordenou que a Câmara do Porto fosse ouvida. Em 19 de Outubro do mesmo ano foram chamados ao Senado «a nobreza e governança e os vinte e quatro do povo, pera efeito de se lhe comonicar a petição que o padre Balthezar Guedes fes a Sua Magestade sobre a ereição do recolhimento dos meninos órfãos de que o dito Senhor manda informar ao doutor Paulo de Meireles Pashequo ouvindo os officiais da Camará nobreza e povo pera o que sendo chamados e propondo se lhe a dita matéria e convenientes que podia haver na concervação do dito recolhimento per todos de comum consentimento foi dito que a obra hera muito santa pia e de grande louvor e que acim herão de parecer que o dito Senhor devia conceder ao dito padre a licença que pedia»<sup>69</sup>. Alguns meses após esta reunião, pelo alvará de 30 de Janeiro de 1651, D. João IV autorizava a fundação do Colégio dos Meninos Órfãos do Porto<sup>70</sup>.

## 2 — *Algumas obras (1658-1682)*

Desde a sua fundação até ao falecimento do Padre Baltasar Guedes, são constantes os melhoramentos que se vão efectuar na ermida de Nossa Senhora da Graça, e constantes também as obras que transformariam a simples e modesta casa para onde foi viver, em 1649, no Colégio dos Meninos Órfãos<sup>71</sup>.

Alguns documentos que vão de 1658 a 1682 são testemunho dessa mesma actividade:

<sup>65</sup> Idem, *idem*, p. 23.

<sup>66</sup> A.H.M.P., Livro de Vereações n.º 52, fl. 149v.

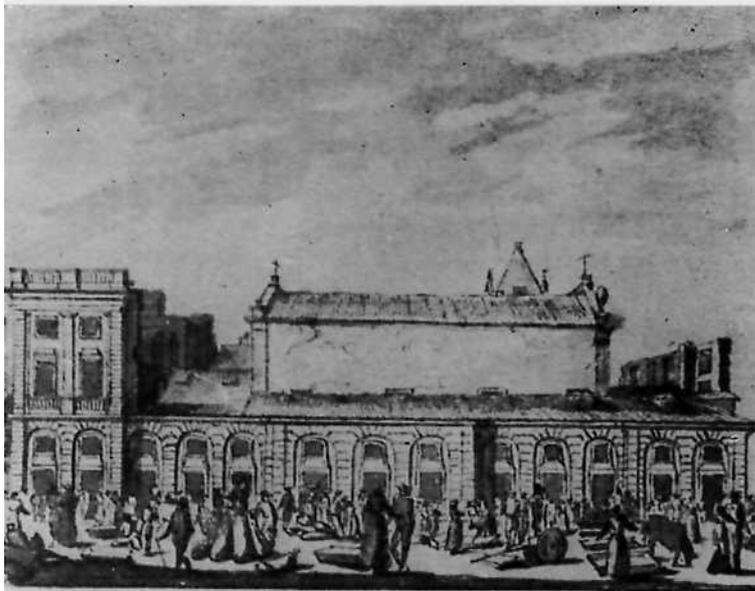
<sup>67</sup> GUEDES, Baltasar—*ob. cit.*, p. 24.

<sup>68</sup> Idem, *idem*, p. 32.

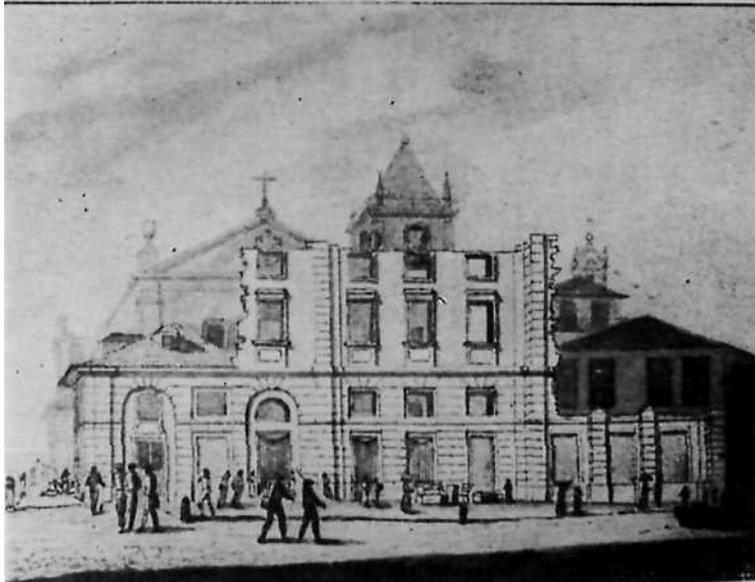
<sup>69</sup> A.H.M.P., Livro de Vereações n.º 52, fls. 257v.-258.

<sup>70</sup> GUEDES, Baltasar—*ob. cit.*, p. 35.

<sup>71</sup> Ver quadro das obras referidas na *Breve relação da fundação...*



O actual edificio da Faculdade de Ciências do Porto em construção, no ano de 1833.  
Desenhos de J. C. Vitoria Vila Nova (Da *Bib. Púb. Mun. do Porto*)



Em cima, fachada Norte; em baixo, fachada Oeste. Por detrás das paredes do novo edificio vêem-se a Igreja de N. S. da Graça e o Colégio dos Órfãos

Igreja de Nossa Senhora da Graça e Colégio dos órfãos *antes* da sua demolição  
(Fotografia reproduzida da obra *Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos órfãos de Nossa Senhora da Graça*, Porto, 1951).

Anos	Referências a obras na «Breve rellação da fundação» do padre Baltasar Guedes	Paginas
1651	«Tratamos tambem de fazer hum limitado dormitorio terrio;e querendo principiá-lo, erão as traças muitas, mas o dinheiro pouco. Não faltava quem traçasse, mas havia menos quem esmollasse. Chegou pois neste aperto a piedade do Senado da Camara, dando-nos vinte mil rs.de esmolla, e forão os primeiros que tivemos; ordenando que alevantassemos acima o sobrado para melhor comodidade [...] Concertamo-nos com o pedreyro; e como não tínhamos cal, porque fallava o dinheiro, de terra amassada fizemos a parede».....	205
1652(?)	«Azulejou-se também toda a Igreja [...] também se pintarão,e fizerão retabolos novos».....	210
1653	«se boiou a primeira pedra no dormitorio novo [...] se benzeo a pedra, e se lançou no cunhal que faz rosto à Portado Olival».....	213-214
1658(?)	«forão mil cruzados que derão ao Carpinteiro que emmadeyrou e forrou o novo dormitorio»	221
1659	«Nestes tempos se acabou o dormitorio grande em que hoje vivemos».....	230
1662	«Véspera do Martyr São Sebastião, do mesmo anno de 662, puz nesta Igreja, como digo, a dita Imagem (imagem de S. Jorge),e logo lhe mandey fazer huma Cappella que custou 40\$000 rs».....	231
1663	«fuy continuando com a obra do dormitorio, que fica para o meyo dia».....	231
1664	«se continuarão as obras do dormitorio»; «Altar se São Phelippe.Em este anno lhe fiz a sua Capella,e Imagem que foy o primeyro Aliar que teve neste Reyno».....	232-233
1665	«se foy concluindo o dormitorio do meyo dia com todas as suas officinas, e cerca da horta»	234
1666	«me occupou o Senado da Camara, que corresse com o cano real da agoa de Paranhos, com que corri sete mezes, tirando-a em duas partes de dentro das cazas, e serrando dous montes por onde a meti»; «Forão-se as obras continuando».....	236
1667	«e as obras tambem correrão».....	237
1669	«Começou-se o dormitorio do Sul para o Norte».....	238
1671	«Foy-se continuando o dormitorio» .....	240
1672	«não pararão as obras».....	240
1674	«comecey em o mesmo anno de fazer a N.Senhora a sua nova Capella, pella qual dou cinco mil cruzados ao pedreiro Grcgorio Fernandes, fora a cal, grades, tejollo, e madeiras»;«Em este mesmo anno me deu a Camara, junto à Cancellada Velha, cincoenta braças de terra de nascente a Pocnte, e oyto de largo em bayxo, vindo-se para cima sempre em huma direy-tura, ficando mayores quintais para que a Rua ficasse direita».....	243
1675	«Principiey as obras da Rua e fuy correndo com as da Cappella mayor» .....	243
1676	«Fuy continuando com a Rua» .....	244

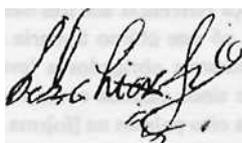
1677	«Aperfeçoou-se a Igreja melhor do que ficou»; «Levantey a cruz da Empena da Capella mór sobre huma bolla»; «Neste mesmo anno me encarregou a Camara o cuydado da Agoa de Malmeajudas, com que corri, digo (sic) na assistência; e todo o chafariz da Ribcyra se lavrou em esta caza» .....	245
1678	«tudo para as obras de N. S. <sup>a</sup> , cuja capella cobri» .....	246
1679	«fuy continuando com as obras da Igreja»; «Tratey logo de fazer o dormitório novo, em que gastey tres mil e quinhentos Cruzados, com as offcinas, na forma que hoje se vê»; «Fuy continuando as obras, e a Igreja».....	247-248
1680	«Em este anno fuy continuando as obras da Igreja, como do dormitório».....	248
1681	«Ainda assim fuy continuando com as obras da Igreja nova» .....	249
1682	«Neste anno fuy continuando com as obras.»; «E neste anno comecey o retabolo da Capella mayor».....	250
1683	«fazer-se e acabar-se tanto quanto se fez e acabou, assim na Igreja como nas cazas da Rua da Graça, que hypotequey à fabrica da Igreja».....	250-251
1684	«Fui continuando com o concerto da Capella mor, vidraças, cortinas do Sacrario, frontais, e mais fabrica necessaria, e dous lampadarios de prata»; «Continuey com as cazas»; «Comecey em Agosto do dito anno a dourar o retabolo e sacrario, e Imagens de Santo António e São Philippc, florens do tecto».....	252
1685	«Em elle acabey de dourar o retabolo»; «Toda esta Cidade se consolou muito do conserto desta Igrcja, aonde vem pessoas de muito porte vê-la, e ao retabolo e relicario»; «Neste mesmo anno mandey fazer o azulejo da Capella mor [...] foy feito na outra banda» .....	234 253-254
1687	«Fomos correndo com as obras das cazas da Rua nova da Graça».....	257
1689	«se forão emprazando as cazas do Calvario, e se forão continuando as ditas obras».....	259
1691	«Foram-se continuando as obras das cazas da Rua nova da Graça».....	259
1692	«continuarão-se as obras» .....	260

- em 6 de Junho de 1658<sup>72</sup> o carpinteiro *Belchior Francisco*<sup>73</sup> deu «paga e quitação» ao padre Baltasar Guedes, por ter recebido tudo quanto lhe era devido por «ferrar e fazer portas e mais couzas necessárias as obras do Colégio». Este mesmo carpinteiro trabalharia ainda no Colégio dos Órfãos, em 1669<sup>74</sup>;
- iniciadas as obras para a construção de uma nova capela-mor, para a ermida de Nossa Senhora da Graça, em 1674, para as quais foi contratado o mestre pedreiro e «arquiteto» *Gregório Fernandes*, este, em 31 de Outubro de 1678<sup>75</sup>, seria de novo contratado pelo reverendo reitor que «se contratara com elle dito mestre em que lhe havia de fazer a capella maior da igreja nova que de presente edifica pella traça e apontamentos que ao tempo do dito contrato fterão por elies ambos e peritos asinado em preso de sinco mil cruzados», a qual capela já estava feita faltando-lhe o «enseriamento da dita capella que há de ligar com o cruzeiro da dita igreja»<sup>76</sup>. Tendo falecido *Gregório Fer-*

72 A.D.P., Po-1, 4.<sup>a</sup> série, n.º 148, fls. 139v.-190.

Testemunhas do doc.: o reverendo Jorge Teixeira da Cruz, chantre da Colegiada de S. Maninho de Cedofeita e António de Vasconcelos.

73 *Belchior Francisco* e não Melchior Francisco, como aparece no documento.



74 A.D.P., Po-1, 4.<sup>a</sup> série, n.º 162, fls. 221-221v.

Testemunhas do doc.: o padre Francisco Nunes de Almeida, morador na rua Chã, o padre Félix Pais Nogueira «mestre de solfa do dito Colégio» e o padre Manuel Nogueira Meireles.

75 A.D.P., Po-1, 4.<sup>a</sup> serie, n.º 176, fls. 225-225v.

Testemunhas do doc.: Baptista de Sousa, morador na rua da Fonte Aurina e Tomás Alves, morador à Cruz do Souto.

Este documento e referido por: FERREIRA ALVES, Joaquim J. B. — *ob. cit.*, p. 253.

76 «que elle reverendo reitor se contratara com elle dito mestre em que lhe havia de fazer a capella maior da igreja nova que de presente edefica pella trasa e apontamentos que ao tempo dito contrato fizerão per elles ambos e peritos asinado, em preso de sinco mil cruzados a coal capela e obra tinha elle dito mestre ja feito pela dita trasa e apontamentos e somente lhe faltava o enseriamento da dita capella que há de ligar com o cruzeiro da dita igreja e para se findar de todo a dita capella se contratara novamente com elle dito mestre se obrigava [...] a fazer o dito cruzeiro e obra delle na forma e maneira que contem outros

*nandes*, em 14 de Setembro de 1680<sup>77</sup>, sem ter concluído a obra, esta passou para a responsabilidade dos mestres pedreiros, *Manuel Rodrigues*, sogro de *Gregório Fernandes* e *João Moreira* «contra mestre que foi da dita obra com o dito defunto»<sup>78</sup> que a ela estariam ligados ainda em 1682<sup>78</sup>, como podemos ver, por um novo contrato, feito em 24 de Julho, em que os três mestres pedreiros se obrigavam a continuar com a obra da igreja<sup>80</sup>

apontamentos quede novo fizerão e asinarão[...] lhe dá elle reverendo reitor toda a pedraria de duas capellas que estão na igreja velha que se vai desfazendo e lambem lhe dá o arco da capei la maior e as campas e ioda a mais pedra que ouver na igreja [...] e declarou elle reverendo reitor que toda a esmolla que tem vindo e vier do Brasil pertence a esta obra de Nosa Senhora por (sic) seu irmão Pantaliam da Cruz mudo a pede nas parles do Brasil».

77 FERREIRA ALVES, Joaquim J. B.—*ob. cit.*, p. 253.

78 A.D.P., Po-1, 1.ª série, n.º 179, fls. 10-11 v.

Testemunhas do doc.: o padre António da Cruz e o padre Francisco Pereira de Carvalho, assistentes no Colégio dos Órfãos. O mestre pedreiro *Agostinho Rebelo*, que estaria ligado à construção da nova igreja de Nossa Senhora da Graça, aparece neste documento como tutor dos filhos de *Gregório Fernandes*: «também apareceu presente *Agostinho Rebetto* morador no dito lugar de Villa Nova tutor dos ditos orffãos e nomeado para este efeito e dise que por entender que este contrato será em utilidade dos orffãos dava a elle sua autoridade e consentimento».

79 A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 181, fls. 2v.-3v.

Testemunhas do doc.: Manuel de Carvalho, Manuel de Sousa e Evaristo da Paz, o primeiro, filho do tabelião e os outros dois, assistentes no Colégio dos Órfãos.

Ainda que no contrato se faça referência aos três mestres pedreiros, *Manuel Rodrigues*, *Agostinho Rebelo* e *João Moreira*, só este último tomaria a obra.

80 «[...] serão elles ditos mestres obrigados a levantar as paredes do cunhal toda em grosso athe a altura de vime e sinco palmos como mostra a trasa sendo a dita parede juntourada com juntouros de sete a oito palmos na [fo]rma da que esta feita de novo por sima a alquitrafe e cornije na forma da capela mor e levava em sima das paredes pilares ou parede que for necessária para reseber a madeira da armação e da parte do norte levava huma escada de dous palmos e meio de largo pera serventia da abobeda e telhado e hirá no grosso da parede na parte mais conveniente e sera de picão miúdo cujas pedras atravesarão de huma parte a outra por sima levará padieiras que atravesam a mesma parede serão de picão grosso terá de vão nove palmos com poria capas para sahirem a abobeda a coaseriar os [ti]lhados, far se hão dous arcos escodados com almofadas pelo meio na (\*). Em o fronteespicio levava hum arco na forma do pilar que vai debaixo e no fronteespicio levava hum nicho e mais feitio que mostra a [tra]s e juntamente de cada parte huma torre que são as armas da cidade; tudo escodado toda esta pedra de arcos e fronteespicio será branca e limpa sem veios amarelos nem ou[tro] algum defeito que tendo o o podera elle padre reitor regeitar e mandar fazer outra a cu[sta] delles mestres; a parede que for em o fronteespicio será ao menos de coatro palmos para (\*) embeber mais o nicho para Nosa Senhora que ha de ser huma imagem de oito palmos; (\*) sobre o cruzeiro levava pela parte de tras huma goarnisão de pedra com seu (\*) labrado pera reseber o telhado da capela mor a que per outro nome chamão rufo (\*) sobre a dita empena se fará na forma que esta a das cosias da capela maior a (\*) da empena será a velha que estava na igreja antiga coando elle reverendo reitor mostrou

de Nossa Senhora da Graça. Esta só seria concluída nos princípios do século XVIII <sup>81</sup>, quando, para esse fim, são contratados os mestres pedreiros, *João Moreira, Manuel Moreira, João Moreira* o novo, *Marcos Gonçalves, José Rodrigues e Agostinho Rebelo* <sup>82</sup>, pelo reitor do colégio dos Órfãos, Manuel de S. Bento, segundo a planta que, para esse efeito, fizera *José da Rocha*.

(sic) (\*) a coal elles mestres escodarão de novo e posta sobre hum pedestal que na trasa se mostra ficara sobre a impena, e das ilhargas em lugar das pirâmides se porá de cada [banda]da hum pedestal sobre o coal se porá de cada banda huma bola de pedra capas de rese[ber] o escudo das armas deste reino, a que fara borla (sic) hum abito de Cristo e sobre is[to] huma croa impiral isto se porá em o pedestal da parte do norte, e para a parte do sul se porá a esfera sobre a bola do pedestal e tudo isto sera feito com a propi[e]dade e perfeição necessaria e como elles ditos mestres costumão fazer = e assim ma[is] serão obrigados elles mestres a asentar o tejo da abobeda do dito cruzeiro fazendo lhe de cada banda huma fermoza luneta conforme a architectura melhor der (\*) como he sahir com a ponta quazi ao meio do cruzeiro que suposto he mais (\*) na madeira fica mais fermoza na obra = Entre os arcos de pedra (\*) alvenarias nos baixos pois nos altos vão almofadas as coais levarão emcaixos que entram pelos arcos dentro para melhor segurança da obra; as pedras que [en]travão os cunhais serão as mais compridas que ser posa na forma que vem debaixo e picadas na mesma forma tudo isto na forma asima serão elles mestres obrigados a fa[zer] com toda a perfeição posivel [...].»

81 O contrato para a conclusão da obra da igreja de Nossa Senhora da Graça foi feito em 9 de Junho de 1701.

A.D.P., Po-1, 4.ª série, n.º 207 (3), fls. 37v.-89

Testemunhas do doc.: José da Rocha e o sargento Gonçalo Ferreira da Costa e Manuel Rodrigues de Abreu.

82 «estando também presentes os mestres pedreiros João Moreira, Manoel Moreira e João Moreira o novo moradores na freguezia de Moreira Marquos Rodrigues morador em Villar da freguezia de Cedofcila Joseph Rodrigues morador em Villa Nova e Agostinho Rebelo morador em Gaia».

(\*) Partes ilegíveis, devido à deterioração do suporte.